



A História

é o Homem

MAIKE CABRAL

Fabula est homo

2024



Nos confins do passado, nada tinha forma tão perfeita como quando da presença do homem. As coisas tinham forma, mas inacabada, imperfeita. Não eram ainda coisas “plenamente reais”. Eram “coisas a se conhecer”. O homem foi como que uma lente que atribuiu valor cognitivo atual aos objetos que o precederam no mundo, não como um Deus - embora enviado por ele -, mas como um privilegiado executor. E tal privilégio o fez jogar com o destino.

A controvérsia acerca da idade do universo em suas múltiplas transformações é parte autêntica deste jogo. Quando contraposta a uma alegoria criacionista, a controvérsia da idade se mostra como um mero jogo de espelhos que nada mais faz do que confundir o ouvinte em seus próprios lógicos. Afinal, quem esteve lá senão o próprio Deus e seus anjos? Ninguém. Pelo menos ninguém humano. É por isto que os grãos infinitesimais de carbono nos atam a consciência - e seduzem o olhar!

A tese do homem como peça esculpida por alguma força impessoal e evolutiva, amparada em tal controvérsia, se tornou ponto pacífico na mentalidade dos pensadores pós-mecânicos. E por qual razão? Pela devoção aos indícios metamórficos encontrados nos elementos base da natureza. O homem crê dominá-los pelo conhecimento que tem deles como quem domina as próprias calças encintando-as. Mas o que o homem não crê é que a própria cinta em que confia é tão frouxa quanto a justeza de suas calças - que poderia lhe caber perfeitamente sem este auxílio “técnico”.

E o que isto quer dizer, afinal? Algo muito simples: que o homem anseia e procura uma alternativa veraz entre a gênese universal e o atual estado de coisas sem remeter sua visão ao “quem” buscador desta faixa temporal - pois seu fim lhe parece sempre desconhecido, portanto, inóspito e inalcançável. No “entre”, ele se compraz e desliza com seu aparato pensante e suas máquinas calculadoras até esmerilhar toda a crosta obtusa que veda a visão origem, logo, aquilo que considera a resposta definitiva para todas as dúvidas e incompreensões - pois sem a noção do “fim” a própria origem automaticamente se torna obsoleta e fantasiosa.

É uma bela ilusão, concordo. Mas o fato de este homem *categórico* e *mecânico* não supor um elemento acima daquilo que ele mesmo se debruça - e corre -, ou seja, a carapaça

fúnebre de si mesmo, o move contraditoriamente à direção do véu negro, mórbido e cavernoso das priscas eras, lhe sugerindo um parentesco insólito com o simiesco.

Não sabemos ao certo o que houve antes da emancipação da consciência humana. Que as coisas estavam lá, parece óbvio; que a consciência destas coisas – pelo menos a humana – não estava presente, é mais ainda. E aqui reside a tentação. Uma tentação doce de se inscrever na linha genética dos elementos mais grosseiros e a ligeira esperança de ascender à malha dos mais sutis. Não sabemos nada sobre isto, embora um mito seja proclamado.

A voz da ciência natural e da cornucópia matemática convidou a História, *mestra da vida*, a um festim sem precedentes. Ofereceram-lhe o Maná dos céus, mas não a dispôs dos pratos e talheres. Resumiram o mundo a uma massa mágica onde um “*super-ser*” se desenvolve, dando à História a oportunidade de se tornar o suprasumo de seus próprios argumentos. E ela caiu na falácia, aceitou a proposta: fez-se concubina. Agora, nada pensamos sobre o tempo passado sem a arque unção dos exumadores de partículas; nada compreendemos sem sua *Torá* da crítica exclusivista; nada queremos que não esteja submetido ao *Corão* de seu coração gelado.

Isto é uma evidência clara e sólida de que perdemos o senso vital da própria História, de sua raiz fundamental radicada na essência do homem. Tratamo-la como um refrigerio do deslize fatal a que fomos impelidos; não rezamos o credo sobrenatural que a compõe desde cedo; sofremos de sua desumanização antes mesmo de sua desdivinização. A História se transformou no argumento perfeito dos patifes desumanizadores.

Assim, a linha do progresso foi entrecortada pela ideia de domínio irrestrito do tempo e da natureza. Este domínio é o que possibilitou a transfusão de referências das antigas artes liberais para as novas ciências experimentais. Isto tornou todo o material genuinamente humano do campo das artes tradicionais desmistificado pelos paralelos austeros da lógica moderna. Isto se disseminou no campo histórico como uma cepa invisível. *Pari passu*, toda elucubração voltada para a especulação pré-histórica tornou o homem prescindível justamente por não o apreciar como medida do próprio tempo passado.

É como se as rochas sobrevivessem ao caos atmosférico resguardando em si a memória do mundo, guardiãs que são dos eventos pré-neolíticos. Nesta *concepção*

mineral do tempo, o homem passou a ser o *próprio elo perdido* e não aquele que o deseja encontrar. Procura algo que se perdeu na História, mas não percebe que esse algo é ele mesmo. O vão de passagem entre sua ascensão e sua suposta origem se tornou tão válido que o tempo transmutou-se em objeto substancial, não relação acidental, pela superlatização do macaco que habita em nós.

Independente da interpretação acerca da idade do mundo, das pedras ou dos macacos, sabemos, por razão, que o homem é o ser próprio do tempo. Sim, o ser onde o tempo está erradicado para se erigir como realidade, para se tornar qualitativamente efetivo. Evidentemente, o mundo como coisa bruta e existente também recolhe no homem sua estrutura ontológica. Sendo assim, qualquer das teorias acerca dessa extensão de tempo prévia ao homem é apenas uma suposição imaginária, jamais uma conclusiva aceção científica ou um dado probante. Neste ponto, o mito é necessário.

Não há nenhum desses "dados" sem homem, pelo menos em sua forma lógica. Ele é o ser que efetiva a presença de fenômenos antes esparsos em adjunções positivas. Qualquer dado passado é mero *numeno histórico*, nunca *fenômeno histórico*, se não houver a mente humana se impondo diante do acontecer por intermédio de sua carne indiciante. Kant que me perdoe, mas o tempo como *coisa em si* é o homem como fenômeno na História.

A indicação é a chave aqui. Algo que a presença do homem incita no mundo e no tempo como uma validação - para isto foi reunido de todas as coisas. Não importa de que matéria ou de que suposta evolução biológica pôde o homem surgir, o que importa é o momento em que, de toda a massa mineral, vegetal e animal, ele foi achado homem. É este o momento em que toda a teoria evolucionista vem abaixo! Pois o milagre é tão grande que a própria natureza o depõe.

O *tempo presente* é a quimera pela qual todas as concepções científicas se debruçam e se apegam como um bebê ao colostro. O triste é dizer-lhes a verdade patente: não há tempo presente. O que há de presente no tempo não é uma fração do tempo, uma etapa sua, mas a eternidade. Ela é o que nos dá esta vaga sensação de permanência num universo de ilimitadas passagens. A passagem ininterrupta é o tempo, matriz de todas as larguras e extensões de pensamento; a permanência total é a eternidade, o ser pressuposto a qualquer pensamento. Por essa razão é inútil especular a idade do mundo, pois o mesmo

mundo - concomitante ao tempo, diria Agostinho - é desprovido de atualidade sem o homem, aquele que qualifica o tempo.

Nossa perspectiva, que é aquela baseada no bom senso e na pura tensão, se desdobra sob um pano de fundo humanista. Não o humanismo ateu dos idólatras de si, nem mesmo o humanismo cristão dos artistas consagrados, mas o humanismo histórico do tempo no mundo, ou seja, à humanização da História e à historização do Homem. Cabe aqui uma tentativa de resolução.

Por que causa é perigoso afirmar "a História é o Homem"? Em primeiro lugar, pela fundação *filosófica dos termos*. Obviamente, por natureza e definição, não podemos crer nesta afirmação filosoficamente falando. Em segundo lugar, dizer tal coisa nos torna um imenso *vácuo entre a noção de ser supremo e ser relativo*. Se somos a história, não seríamos nem um nem outro, mas algo estranho aos dois e inexistente em si, contrariando toda a ordem teológica. Em terceiro lugar, *a história não pode ser nada além do que ela é: uma palavra*, o dizer autêntico de um sentido sintético do acontecimento. Nesse sentido, atribuir-lhe corpo e forma animal racional seria o mesmo que atribuir a um computador o poder de orar, subvertendo a antropologia saudável.

Então, pela via filosófica, teológica e antropológica, jamais poderíamos cometer o acinte de mesclar duas ordens de coisas tão heterodoxas como Homem e História - embora saibamos que não existam uma sem a outra! Como resolver a questão? Como colocá-la de modo justo e salutar dentro de uma proposição tão breve e conflituosa? Somente pelo recurso à ideia de narrativa encarnada.

Temos uma espécie de convicção que o homem é um ente animal dotado de razão superior e espírito. Mas chamamos atenção, também, a possibilidade simbólica de ele ser um discurso vivo, uma atuação contínua, uma apresentação verbal da consciência em forma de carne - como um verdadeiro enredo vivo. Isto é o que, na prática, confere a ele valor histórico, e à história, teor humano. Jamais existiria história se o homem não fosse personificação no tempo e no mundo em forma narrativa encarnada. Do mesmo modo, não haveria personificação sem narratividade história. Esta ambivalência é a base pelo qual afirmamos: a História é o Homem.

Sendo um regato sólido de todas as falésias da criação multifacetada, o homem, ente artístico por excelência, faz de si uma obra que transcende os próprios elementos que a compõe - sobretudo, os de ordem psicológica. Isto porque sua única criação neste

mundo é a imagem sintética de todos os seus movimentos morais futuramente apresentada diante do crítico extremo, aquele que deu-lhe este poder de teatro - seu deslize mais perigoso. Sua narratividade cessa no instante mesmo em que é lida pelo autor de tudo, e comparada à criação perfeitamente ordenada ao fim ótimo e único. A questão é que tal imagem não se reduz à uma concepção mental ou psicológica da vida, uma ideia dada pelo Homem em relação a si mesmo: mas a uma concepção final realíssima que está nas mãos de Deus.

O ideal pressupõe o real em toda sua extensão; o real se dispõe do ideal em toda sua intenção; e neste fluxo de relações ambíguas o homem, translúcido pelas aparências do instante sólido, se choca, entre duas paredes intransponíveis: o devir e o perene. É neste choque que existe a história do homem, e o homem da história. É nesse interlúdio que a realização humana se passa, se descobre e se emancipa. A história nada mais é do que esta atuação consciente e contínua de um ente que carece de ciência plena.

É por essa razão que não confiamos nem na ciência, nem no mito. Os dois não podem explicar a vocação extrema do homem e a insistência anônima da história, que coincidem sobremaneira. São duas formas de contar o acontecer que prescindem da pessoalidade - e pessoalidade é justamente a qualidade íntima do homem histórico, qualidade que se refere ao *modo de produção*, que longe de ser um sintoma da automasia neurótica do reino industrial, é antes de tudo a justificação do drama real no qual *vivemos, nos movemos e somos*. A História é mais propensa à fantasia, portanto, menos inclinada ao prático.

Assim, a História é o Homem na medida em que o homem é produto: produto da auto-formação criativa segundo um modelo inalcançável, mas efetivo. E só por isso faz sentido a existência histórica, já que *ser no tempo* é produção e *ser além do tempo* desfrute - ou infâmia. Isto faz parte da carreira mítica, científica e fantástica do Homem, que procura açambacar em sua alma tanto as comichidades do destino quanto as tragédias do passado - juntas, inseparáveis e ordenadas a um entressonhar esperançoso no qual Deus imprime sua misericórdia.

Se a História não fosse o Homem, ela seria um Deus sem criaturas.
